

O Brasil real vai bem 24 MAR 1994

O Brasil real, aquele que trabalha, produz riquezas, gera empregos e, apesar de todas as dificuldades, procura empurrar o País para a frente, continua a trazer-nos surpresas agradáveis.

No ano passado, quando a inflação bateu o recorde histórico, com cerca de 2.500%, índice que em qualquer outro país seria o sintoma mais evidente da desatregação da economia, o PIB brasileiro de responsabilidade fundamentalmente do lado real do País cresceu nada menos do que 4,96%, atingindo US\$ 456 bilhões, nos cálculos do Banco Central.

Nos primeiros meses deste ano, quando se esperava uma rápida desaceleração da produção, porque a grande concentração de negócios normalmente ocorre em novembro e dezembro, a indústria vem demonstrando um grande dinamismo. A produção industrial, que vinha crescendo de maneira firme desde setembro do ano passado, manteve-se em expansão também em janeiro, quando foi 4,3% superior à de dezembro.

Trata-se da segunda maior expansão registrada em janeiro nos últimos 10 anos. O melhor resultado desse período foi o do ano passado (5,1% de crescimento), mas esta expansão se deu sobre uma base pequena, que foi a produção de dezembro de 1992, mês do **impeachment** do ex-presidente Fernando Collor de Mello.

Os técnicos do IBGE, responsáveis pelos cálculos da produção brasileira, dispõem de informações que indicam que os negócios continuarão bastante aquecidos pelo menos até o final deste mês. A expansão da produção industrial continua a ser puxada pelo segmento de bens de consumo duráveis, como automóveis e produtos eletroeletrônicos.

Os dados da balança comercial, que acabam de ser

divulgados pelo Ministério da Indústria, Comércio e Turismo, reforçam as previsões dos técnicos do IBGE. Houve, é verdade, uma expressiva queda do superávit comercial no mês passado (caiu 50,6% em relação a fevereiro de 1993). Mas esse não é um fato necessariamente ruim. Por um lado, o Brasil está numa situação tranquila com relação a suas contas externas; por outro, a queda do saldo comercial deveu-se à dinamização da atividade econômica.

O superávit caiu dos US\$ 1.471 milhões registrados em fevereiro de 1993 para US\$ 726 milhões no mês passado, não tanto porque as exportações diminuíram (4,4%), mas especialmente porque houve um aumento extraordinário das importações (43,3%). O crescimento das importações — mesmo descontando-se a aquisição, pela Petrobrás, de uma plataforma de petróleo de Cingapura por US\$ 150 milhões — deveu-se à compra de máquinas e equipamentos destinados à modernização do parque produtivo, razão pela qual é considerado um sinal altamente positivo. Outras importações — como as de matérias-primas, bens intermediários (como os US\$ 300 milhões em autopeças) e bens de consumo —, por sua vez, refletem a ampliação do consumo no mercado interno que já vem sendo detectada há vários meses pela produção industrial.

Não há crise no Brasil real, mas apenas os reflexos inevitáveis e dolorosos da crise que se circunscreve ao Brasil oficial, ao Estado brasileiro em todas suas ramificações. A última manifestação aguda dessa crise é o conflito entre os poderes da República, que ameaça não apenas o êxito do plano de estabilização econômica, mas até mesmo a ainda incipiente democracia brasileira.